aurum
Revista Multidisciplinar

ISSN: 3085-7783

A DECOLONIALIDADE COMO ALTERNATIVA INOVADORA NO SABER FILOSÓFICO DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

DECOLONIALITY AS AN INNOVATIVE ALTERNATIVE IN HIGH SCHOOL STUDENTS' PHILOSOPHICAL KNOWLEDGE

https://doi.org/10.63330/armv1n2-009

Submetido em: 22/04/2025 e Publicado em: 28/04/2025

Roderico Pompeu de Almeida Júnior
E-mail: prof.rodericojr@gmail.com
LATTES: http://lattes.cnpq.br/3792752728450074

RESUMO
O presente artigo explora a decolonialidade enquanto um percurso epistémico e pedagógico original, visando otimizar a prática do ensino da Filosofia nas escolas públicas de Parnaíba, no litoral do Piauí. Com base em leituras aprofundadas de autores como Ferreira (2017), Mignolo (2007), Nascimento (2021), Quijano (2009) e Tolentino (2018), o estudo discute a importância de superar a influência eurocêntrica, marcante nos recursos de ensino. A proposta é criar uma forma de aprendizado que valorize a diversidade cultural, os aspectos sociais e as identidades dos alunos. Incorporar ideias da filosofia decolonial na escola incentiva a análise cuidadosa das diferenças sociais e recupera conhecimentos que foram deixados de lado ao longo da história. Tal ação ajuda a criar uma educação mais completa, justa e que faz sentido para a vida dos estudantes. A perspectiva decolonial mostra-se um caminho interessante e novo para ensinar Filosofia, dando importância aos saberes menosprezados, fortalecendo a identidade cultural dos alunos e incentivando um aprendizado mais livre, questionador e que acolhe a todos.

Palavras-chave: Filosofia; Ensino médio; Decolonialidade; Saber crítico.

ABSTRACT
This article explores decoloniality as an original epistemic and pedagogical path, aiming to optimize the practice of teaching Philosophy in public schools in Parnaíba, on the coast of Piauí. Based on in-depth readings of authors such as Ferreira (2017), Mignolo (2007), Nascimento (2021), Quijano (2009) and Tolentino (2018), the study discusses the importance of overcoming the Eurocentric influence, which is prominent in teaching resources. The proposal is to create a way of learning that values cultural diversity, social aspects and students' identities. Incorporating ideas from decolonial philosophy into schools encourages careful analysis of social differences and recovers knowledge that has been left aside throughout history. Such action helps to create a more complete, fair and meaningful education for students. The decolonial perspective proves to be an interesting and new way to teach Philosophy, giving importance to undervalued knowledge, strengthening students' cultural identity and encouraging a freer, more questioning learning that welcomes everyone.

Keywords: Philosophy; High school education; Decoloniality; Critical knowledge.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de decolonialidade, surgida como um enfoque teórico diferenciado no estudo filosófico, para alunos do ensino médio, mostra seu valor no ambiente escolar, principalmente pela urgência de modernizar a forma como a Filosofia é ensinada nas aulas de aula. Este texto sugere uma maneira de discutir o pensamento crítico e o ensino, incentivando uma quebra com os modos tradicionais e dando espaço para visões mais diversas, questionadoras e ligadas ao contexto social e cultural dos estudantes.

Esse arranjo vai além de simplesmente usar novas tecnologias ou jeitos de ensinar; ele busca dar valor às características culturais, sociais e de identidade dos alunos, impactando diretamente a forma como se ensina e na educação completa do estudante. A mudança que se propõe aqui não visa só o crescimento das capacidades intelectuais, mas também levar em conta criações, ideias e a variedade cultural que existem no dia a dia dos alunos do ensino médio das escolas públicas, especialmente nas escolas públicas da cidade de Parnaíba, no litoral do Piauí.

Ferreira (2017, p. 70) expõe que, sob essa perspectiva, é fundamental que os estudantes não aprendam somente conteúdos de Filosofia, mas também desenvolvam habilidades para pensar criticamente, argumentar com clareza e refletir sobre questões complexas da realidade. Essa percepção converge com a proposta de incorporar as linhas de observações decoloniais no ensino de filosofia, representando uma alternativa inovadora e mais abrangente de formação dos estudantes. Ao desafiar os sistemas de ensino moldados historicamente pelo impacto europeu, o entendimento decolonial permite que os alunos identifiquem e apreciem suas vivências, suas raízes culturais e o saber que possuem.

Em vez de simplesmente mudar o que é ensinado, isso é como um impulso na educação. A finalidade é superar práticas tradicionais excludentes, por meio de intervenção, explanando um saber educacional mais sensível, reflexivo e comprometido com a valorização da diversidade presente nas experiências e nos saberes do público estudantil.

Conforme expresso no documento oficial do Ministério da Educação (BRASIL, 2018, p. 17), torna-se essencial a adoção de novas dimensões formativas e métodos de ensino que considerem os variados tempos de aprendizado, assim como as origens culturais, sociais e familiares dos alunos, dando importância às suas comunidades, costumes e relações sociais. Diante disso, este estudo almeja promover um conhecimento filosófico que abarque essas particularidades, promovendo uma ação educativa mais abrangente, autêntica e interativa. Esta pesquisa reconhece a riqueza que reside nas diferentes trajetórias de vida dos alunos, focando especialmente naqueles de contextos tradicionalmente marginalizados. Assim, alinha-se com a necessidade premente de repensar o ensino de filosofia sob uma ótica decolonial, que valide outras maneiras de pensar, existir e aprender.

Adotando as prerrogativas decoloniais como guia para examinar e transformar, este estudo se conecta aos pilares da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destacando a importância vital de uma

educação que celebre a riqueza da diversidade cultural do Brasil. Essa visão enxerga as particularidades de cada região não como barreiras, mas como oportunidades valiosas de aprendizado que expandem a amplitude da formação, impulsionando o aprimoramento de habilidades que respondam aos desafios atuais e incentivando o pensamento crítico dos indivíduos.

Nesse contexto amplo, o objetivo central desta pesquisa reside em examinar os caminhos para incorporar a perspectiva decolonial no aprendizado da Filosofia, com foco nas escolas supramencionadas. Sendo assim, este estudo propõe uma transformação profunda no ensino tradicional de Filosofia, historicamente centrado em conceitos europeus. Desse modo, busca-se promover uma educação filosófica que motive a participação ativa dos alunos na edificação de uma sociedade equitativa, igualitária e que celebre a pluralidade.

2 METODOLOGIA

No intuito de contribuir com o saber filosófico afastado das imposições eurocêntricas as quais são observadas nos livros didáticos e corriqueiramente reproduzidas em sala de aula, intuiu-se, pelos moldes epistemológicos da decolonialidade, a elaboração de pesquisa dissertativa, qualificada a analisar os impactos filosóficos e as inovações geradas pelo viés decolonial em âmbito escolar. Dessa forma, a temática em questão emerge como uma proposta filosófica legítima, que visa conferir identidade aos alunos e, ao mesmo tempo, desafiar a hegemonia eurocêntrica que frequentemente permeia o conteúdo filosófico nas escolas.

O desenvolvimento deste trabalho está alicerçado nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma vez que:

> [...] selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização [...]. (BRASIL, 2017, p. 17).

A metodologia utilizada consiste no levantamento bibliográfico com ênfase nas obras que denotam as temáticas norteadoras deste escrito. O levantamento é oriundo das bases de dados acadêmicas, como Scopus, Google Scholar e periódicos especializados, garantindo a identificação de artigos, livros e outros documentos relevantes. A técnica selecionada foi a de análise conteudista, que permitiu a identificação e categorização das temáticas decoloniais. Esse processo exigiu a leitura cuidadosa de cada obra, com o objetivo de extrair os principais pontos de discussão, as teorias aplicadas, metodologias empregadas e conclusões.

Com base na análise conteudista, foi elaborada uma revisão crítica focada nas perspectivas das autorias mais significativas e influentes no campo da decolonialidade. Com esta análise, conseguimos obter

uma compreensão mais profunda das várias visões teóricas sobre o tema, e igualmente descobrir cenários vastos que, muitas vezes, não são notados pelas maneiras teóricas e práticas mais comuns, especialmente vistas nas discussões universitárias.

A análise exigiu que cada obra fosse lida com atenção e cuidado, buscando extrair as principais ideias, as teorias que os autores usam, os métodos que aplicam e as conclusões mais importantes. Ao analisarmos o material com atenção, conseguimos notar padrões emergentes e ideias criativas. Além disso, buscamos entender quais pontos carecem de mais investigação e os desafios encontrados nesse campo de pesquisa.

Assim, as abordagens selecionadas proporcionaram uma base sólida, fomentando o aprimoramento do pensamento crítico e a criação de métodos de ensino originais, que desafiam as ideias tradicionais e incentivam uma visão mais completa e sensível às diferentes experiências dos alunos. Em outras palavras, a forma como trabalhamos — com pesquisa aprofundada e análise atenta de obras importantes — nos permitiu ir além na compreensão do pensamento decolonial na Filosofia, como também incentivou a identificação de métodos de ensino singulares, mais adequados a um aprendizado que interage com a pluralidade cultural e as experiências dos alunos, transcendendo a esfera conceitual ao se relacionar diretamente com os requisitos palpáveis do ambiente escolar.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa, que explora A Decolonialidade como alternativa inovadora no saber filosófico dos estudantes do ensino médio, justifica-se pela sua relevância para a área da educação, principalmente no que diz respeito a formas criativas de ensinar filosofia nas escolas. Essa renovação busca valorizar tanto as habilidades de aprendizado quanto as criações, pensamentos e a diversidade cultural presentes na vida cotidiana dos estudantes do ensino médio da rede pública estadual, concentrando-se nas escolas da cidade de Parnaíba, no litoral do Piauí.

De acordo com Ferreira (2017, p. 70), “A partir desta perspectiva, é preciso ensinar aos estudantes não apenas filosofia, mas também a necessidade da filosofia, bem como de outras ciências para a significação da vida”,. Nessa linha, a decolonialidade se configura como um segmento filosófico genuíno, que visa conferir legitimidade identitária aos alunos, ao mesmo tempo em que desafia a hegemonia eurocêntrica que, frequentemente, permeia o conteúdo filosófico ofertado nas escolas. A proposta do estudo alinha-se com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece como diretriz:

> [...] selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização [...] (BRASIL, 2018, p. 17).

O pensamento decolonial auxilia os alunos a desenvolverem uma compreensão mais nítida e questionadora das disparidades sociais existentes onde vivem. Esse conhecimento filosófico enfrenta as raízes das opressões sociais provocadas pela predominância do pensamento europeu, que tem sido usado ao longo da história para marginalizar certos grupos. Dewey (1979, p. 140) ressalta que entender o sentido de algo passa por examinar suas conexões, como opera, seus efeitos, origens e usos potenciais, seja um objeto, acontecimento ou quadro geral. Essa compreensão crítica fortalece a noção de que a filosofia não se limita a ser uma teoria distante, mas sim uma ferramenta essencial para entender os cenários socioculturais, principalmente no dia a dia da escola.

Para compreender a decolonialidade no ensino de filosofia, é fundamental entender o conceito de colonialidade e sua distinção em relação ao colonialismo. Segundo Quijano (2009, p. 73), "A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista", que se baseia na imposição de categorias raciais e étnicas que estruturam o poder global. Nesse sentido, a colonialidade permeia todas as dimensões da vida cotidiana e da sociedade, tendo suas raízes na formação da América Latina no período em que o capitalismo emergente se globalizava historicamente durante as "Grandes Navegações", isso demonstra que o conceito de colonialidade, embora intimamente relacionado ao colonialismo, requer uma compreensão mais profunda. "Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população [...]" (Quijano, 2009, p.73), esclarecendo que o colonialismo refere-se a uma estrutura de dominação política, econômica e social, enquanto a colonialidade persiste após o fim da soberania colonial, perpetuando a opressão das culturas e dos povos subjugados.

A hegemonia colonial persiste mesmo após a independência política de várias nações. Para Quijano (2009, p. 74), essa hegemonia continua a dominar culturalmente, politicamente, sexualmente e economicamente os grupos étnicos subalternizados. Ele também explora a colonialidade do ser como uma dimensão ontológica persistente, imposta após o colonialismo, testando as maneiras pelas quais o "outro" resiste à subalternização ou ao epistemicídio de saberes fora da hegemonia.

A filosofia decolonial contribui para que os estudantes adquiram uma compreensão mais clara e crítica das desigualdades sociais presentes em seus contextos locais. Esse saber filosófico combate as causas das opressões sociais geradas pela imposição do pensamento eurocêntrico, o qual tem sido historicamente utilizado para subalternizar certos grupos. Dewey (1979, p. 140) aponta que entender o que algo realmente significa passa por examinar suas conexões, como ele opera, seus efeitos, suas origens e como pode ser usado. Sendo enfatizado que a filosofia não é só um amontoado de ideias distantes, mas uma ferramenta essencial para dar sentido aos ambientes sociais e culturais, principalmente nas escolas.

A prática filosófica e a decolonialidade estão intrinsecamente relacionadas, conforme afirmam Gallo e Kohan (2000, p. 11): "A própria prática da filosofia leva consigo o seu produto e não é possível fazer

filosofia sem filosofar, nem filosofar sem fazer filosofia". Isso ilustra a interseção entre a filosofia e a decolonialidade na pedagogia educacional, quando aprofunda a compreensão das complexidades filosóficas desafiando as estruturas eurocêntricas presentes nos materiais didáticos.

De acordo com Quijano (2009, p.74), a hegemonia ideária eurocêntrica ao ser enraizada pela cultura do mundo capitalista estabeleceu uma perspectiva mistificada da realidade, tanto no "centro" quanto na "periferia colonial". Sob essa ótica, regiões como Europa Ocidental, Estados Unidos, Canadá e Austrália se firmaram como líderes ao disseminar o ideário eurocêntrico, mantendo a imposição hierárquica de conhecimentos, costumes e estilos de vida. A visão europeia, dessa forma, começa a ser vista como padrão global de saber e progresso, colocando os outros povos em posições subalternizadas. "Dentro dessa mesma orientação foram também, já formalmente, naturalizadas as experiências, identidades e relações históricas da colonialidade e da distribuição geocultural do poder capitalista mundial" (Quijano, 2009, p.74), onde a hierarquização de conhecimentos e práticas culturais se baseia nas ideias, costumes e pensamento europeus. Enquanto isso, o colonialismo foca na tomada de territórios pela força física e política. Em oposição, a decolonialidade emerge como um conjunto de ideias e raciocínios que reagem a certas relações. Isso acontece por meio dos esforços de intelectuais, artistas e acadêmicos que buscam maior divulgação e aceitação dos saberes produzidos por povos oprimidos historicamente. Com esse propósito em mente, Quijano (2009, p.75) destaca o seguinte: "A revolta intelectual contra essa perspectiva e contra esse modo eurocentrista de produzir conhecimento nunca esteve exactamente ausente, particularmente na América Latina". [sic]

Nesse mesmo âmbito de análise crítica, Walter Mignolo (2007)[1] oferece uma importante contribuição para fortalecer o olhar decolonial, ao demonstrar, a linha de pensamento decolonial surgiu essencialmente como uma resposta aos alicerces da modernidade. Tal cenário tornou-se claro em territórios da América Latina, Ásia e África. Em solo latino-americano, essa postura se concretizou na forma da resistência de ideais nativos e em parcelas de comunidades afrodescendentes caribenhas. Já nos espaços asiáticos e africanos, a expressão decolonial veio à tona como um efeito da luta contra a forte influência imperial britânica, bem como contra o controle dos sistemas coloniais pelos impérios português, espanhol e, especialmente, francês.

Na perspectiva analítica de Emerson Nascimento (2021), a abordagem decolonial na Filosofia desafia profundamente o modelo eurocêntrico e ocidental que serve de base para a ideia moderna de ciência. Tal prática faz uma forte crítica às bases discriminatórias construídas pela força da ciência moderna. Essencialmente, a decolonialidade não se limita a defender o colonizado como agente do saber, rompendo

[1] MIGNELO, Walter. (2007). *La idea de la colonialidad.* Revista de Estudios Latinoamericanos, v. 3.

com a tradição europeia que o via como objeto, mas questiona os pressupostos ontológicos e epistemológicos que, historicamente, moldaram a produção e aquisição de conhecimento. Nascimento (2021, p.61) explica que a perspectiva decolonializada está direcionada a uma análise crítica e a desconstrução das influências herdadas pelo colonialismo, em nações que já alcançaram suas independências e autonomias formais, onde seu principal objetivo é transcender os vestígios e os impactos contínuos da colonialidade em suas estruturas sociais.

A diferença crucial entre os dois conceitos reside na análise dos panoramas históricos e políticos que os originaram. O termo "decolonial" aponta para o esforço de libertação das nações que permaneceram sob o domínio da hegemonia ideológica, dos princípios e das influências externas, onde, mesmo independentes, mantiveram traços colonialistas em suas expressões socioculturais. Em contraste, o termo "descolonial" é aplicado às nações que, em um período histórico específico, foram colônias, mas já não o são, como Brasil, México e Peru, citando exemplos no continente americano.

Segundo Joana Tolentino (2018), no cenário filosófico brasileiro, tal como em toda a América Latina, Ásia, África e Oceania, é fundamental observar que mesmo entre os indivíduos com formação em Filosofia, surge o questionamento sobre a possibilidade de classificá-los estritamente como "filósofos". Em muitas situações, torna-se mais adequado qualificá-los como 'artistas', 'pensadores', 'teólogos' ou, no máximo, 'comentadores'. Até os dias atuais, essa ideologia persiste, frequentemente restringindo nossa identidade a simples repetidores e intérpretes dos chamados filósofos "verdadeiros". Tolentino (2018, p.80) prossegue explicando que o conhecimento filosófico atual possui raízes eurocêntricas, tornando-se necessário considerar a interseccionalidade com gênero, raça e classe para compreender os impactos da colonialidade sobre a existência.

Diante desse quadro, torna-se indispensável o incentivo ao conhecimento filosófico decolonial no ambiente escolar, pois defendemos que o aprendizado através das bases decoloniais ampliará as interpretações filosóficas dos estudantes em diversas áreas, incluindo as sociais, culturais, de gênero, raciais, estudantis e geográficas, estabelecidas no contexto escolar. Conforme Alejandro Cerletti (2009, p.90), atualmente, observam-se inovações no ensino da Filosofia, que agora é considerada um campo complexo de investigação filosófica. Isso abrange formulações teóricas e contextualizações sociais múltiplas particulares, decorrentes do propósito filosófico e de suas condições.

Cerletti (2009) argumenta que o ensino vai além de simplesmente repassar a filosofia, já que essa prática pode ser facilmente distorcida. Isso permite que o conhecimento filosófico seja examinado sob perspectivas não colonizadas, valorizando as ideias dos alunos na criação de uma filosofia regional e contextualizada, que nasce das vivências dos jovens estudantes em escolas públicas e questiona as influências europeias. Portanto, é evidente que o foco principal do ato de ensinar está nos estudantes, e não

no professor, que funciona como um orientador e mediador no aprimoramento do raciocínio crítico e da capacidade reflexiva dos alunos.

Em síntese, a abordagem decolonial se apresenta como um caminho inovador e crucial para tratar da Filosofia no ensino médio, valorizando os múltiplos saberes e as identidades que foram marginalizadas ao longo da história. Ao questionar o predomínio das ideias europeias, essa forma de pensar possibilita aos alunos entenderem de forma crítica as estruturas de poder que ainda existem em suas vidas, intensificando seu senso de identidade cultural e sua habilidade de refletir. Desse modo, o aprendizado de filosofia se torna não só mais abrangente, mas também mais relevante para o desenvolvimento ético, crítico e da cidadania dos jovens.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adoção de um plano de ensino de filosofia focado na decolonização mostrou-se essencial para desenvolver nos jovens do ensino médio uma análise mais profunda das diferenças sociais e culturais encontradas em seus cotidianos. A inclusão do olhar decolonial no programa escolar não apenas desafia a forma europeia clássica de encarar a Filosofia, mas também possibilita aos estudantes expandirem sua percepção acerca das diversas narrativas e conhecimentos que moldam a construção de quem eles são. Para Gallo e Kohan (2000), a filosofia não deve ser vista como uma abstração intelectual distante da realidade dos alunos, mas como uma ferramenta de reflexão que dialogue diretamente com o cotidiano dos sujeitos.

4.1 A BNCC COMO APOIO VITAL PARA A REVITALIZAÇÃO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Ao conectar os saberes educacionais com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desde 2018, viabilizou-se a construção de um ambiente mais acolhedor para o ensino da Filosofia. Conforme Ferreira (2017) destaca, trata-se não somente de remodelar o programa, mas sim de uma urgência em aproximar a Filosofia da realidade cotidiana dos alunos, tratando de temas como disparidade e individualidade que lhes são palpáveis. A análise filosófica, nesse cenário, vai além da simples discussão de conceitos teóricos, e se vincula aos desafios concretos enfrentados pelos estudantes, a exemplo do isolamento social e da segregação cultural.

4.2 HERANÇA COLONIAL NO SABER: ANÁLISE TEÓRICA E PERSPECTIVAS CRÍTICAS

A ideia de colonialidade, bastante explorada por Quijano (2009), foi crucial para desenvolver a estrutura teórica da nossa sugestão de ensino. Ela fornece aos alunos uma forma de entender como os sistemas de poder do colonialismo ainda afetam suas vidas e como esses processos continuam a existir hoje. Assim, a decolonialidade, conforme apresentada por Mignolo (2007), visa quebrar com o saber comum e dar prioridade a outros conhecimentos, geralmente esquecidos pela história da colonização. Ao realizar essa

análise, o ensino filosófico decolonial promove um ambiente mais justo e diverso para a criação do saber, dando valor às narrativas regionais e às culturas marginalizadas.

4.3 ESTUDANTES COMO PROTAGONISTAS DO SABER FILOSÓFICO

Ademais, as estratégias didáticas transcendem a simples análise do conhecimento filosófico, estimulando os estudantes a assumirem um papel protagonista na construção do saber. Nascimento (2021) destaca que a decolonialidade precisa transcender o âmbito teórico, materializando-se como uma prática de contestação intelectual face às formas de poder que ainda influenciam o ensino. Essa perspectiva dinâmica e colaborativa possibilitou aos alunos perceberem que a filosofia não é um conceito alheio, mas algo que se manifesta a partir de suas vivências e indagações.

4.4 INTERSECCIONALIDADE: A FILOSOFIA E AS RELAÇÕES ENTRE RAÇA, GÊNERO E CLASSE

Um ponto crucial notado envolve a conexão entre filosofia, identidade de gênero, etnia e posição social, um tema que tem relevância nas análises pós-coloniais. No entendimento conceitual de Tolentino (2018), a Filosofia não deve ser vista como uma área teórica que ignora os problemas sociais reais. Em vez disso, ela precisa ser um meio de examinar criticamente as dinâmicas de poder e as modalidades de dominação existentes nas comunidades. Dentro desse panorama, os alunos foram encorajados a ponderar sobre o impacto das influências cruzadas de etnia, gênero e classe em suas próprias trajetórias e de que maneira essas divisões estão enraizadas nos sistemas coloniais ainda vigentes.

4.5 O ENSINO DA FILOSOFIA COMO MOTOR DA MUDANÇA SOCIAL

A análise dos dados revelou que a dimensão pedagógica da Filosofia decolonial não apenas fomentou uma análise mais aprofundada das disparidades sociais, como também proporcionou aos estudantes uma perspectiva inédita acerca das origens históricas desses problemas. Ao integrar conhecimentos regionais e enaltecer as características culturais, a filosofia decolonial demonstrou ser uma opção viável para otimizar o ensino de filosofia, tornando-o mais significativo e com potencial de mudança. Essa metodologia está em consonância com as diretrizes da BNCC, considerando as experiências dos alunos e viabilizando a conexão entre o ensino da Filosofia e os desafios sociais atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstrou que a aplicação de uma perspectiva decolonial no ensino filosófico se apresenta como um caminho inovador e essencial para fomentar um conhecimento crítico, abrangente e engajado com a sociedade, sobretudo nas escolas estaduais parnaibanas. Ao descentralizar a ênfase dos

modelos unicamente europeus, a decolonialidade possibilita que os alunos identifiquem e apreciem suas vivências, identidades e conhecimentos regionais, impulsionando sua independência intelectual e social. Tal sugestão está em consonância com os preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que destaca a importância da valorização da pluralidade cultural, dos variados ritmos e realidades de aprendizado, e da percepção das histórias de vida dos estudantes como partes integrantes do percurso educativo (BRASIL, 2018).

Dessa forma, torna-se indispensável observarmos a filosofia como uma ferramenta de libertação e oposição, apta a expor os sistemas de controle que persistem nas ações pedagógicas e no plano de estudos. Tal como Quijano (2009) evidenciou, a herança colonial do poder persiste na sociedade atual através de maneiras discretas de sujeição intelectual e cultural. A educação filosófica, quando fundamentada no olhar decolonial, não só critica essas opressões, como também abre caminho para a criação de novas interpretações, incentivando o papel ativo dos indivíduos historicamente deixados à margem.

Além disso, dar importância aos conhecimentos regionais e às diversas culturas não diminui a seriedade do pensamento filosófico; pelo contrário, enriquece e renova essa reflexão, como destacam Gallo e Kohan (2000). A filosofia, em vez de ser algo distante do dia a dia, ganha força quando está ligada à realidade dos estudantes e conectada com o que eles precisam na vida, na sociedade e na política. Segundo Ferreira (2017), é essencial mostrar não só o que a filosofia ensina, mas o seu valor para a vida, para entender o mundo de forma crítica e para mudar as relações sociais desiguais.

Sendo assim, é crucial que a maneira como a Filosofia é ensinada seja revista sob a ótica da decolonialidade; não como uma simples tendência passageira ou discurso sem substância, mas sim como uma ação educativa palpável e realmente capaz de mudar, engajada com a igualdade social e a democratização do saber. Ao valorizar os alunos como portadores de conhecimento e estimular a conversa entre distintas origens de pensamento, a decolonialidade mostra-se um percurso valioso para um aprendizado filosófico mais abrangente, ético e que liberta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017-2018.

CERLETTI, Alejandro. (2009). O ensino de Filosofia e suas inovações. Revista Brasileira de Educação, v. 90.

DEWEY, John. (1979). A filosofia e a educação. São Paulo: Editora Brasiliense.

GALLO, Inés; KOHAN, Walter Omar. (2000). A prática filosófica como prática pedagógica. Revista de Filosofia e Educação, v. 11.

NASCIMENTO, Emerson. (2021). Filosofia decolonial e o conhecimento filosófico. Revista Brasileira de Filosofia, v. 61.

QUJANO, Aníbal. (2009). Colonialidade do poder e colonialismo. Revista de Estudos Sociológicos, v. 74.

TOLENTINO, Joana. (2018). Filosofia e colonialidade no Brasil. Revista Filosófica Brasileira, v. 80.